

Na Edição de Hoje – A Educação nos Telejornais Goianos: uma análise do JA 1^a Edição e do Jornal do Meio Dia¹

Mayara Jordana Sousa SANTANA²

Ana Carolina Rocha Pessôa TEMER³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Este artigo estuda a inter-relação entre Comunicação e Educação, a partir de uma perspectiva que visa investigar a abordagem concedida ao tema educação em dois telejornais goianos pertencentes a emissoras concorrentes, a saber, o JA 1^a Edição (TV Anhanguera/Rede Globo) e o Jornal do Meio Dia (TV Serra Dourada/SBT). Para tanto, foi realizada a análise de conteúdo, com abordagem qualitativa, durante duas semanas do mês de junho de 2015 escolhidas aleatoriamente. Os dois telejornais foram observados concomitantemente, com objetivo de se realizar a análise e inferências iniciais da dissertação em andamento sobre quais são os significados e sentidos conferidos pelos telejornais ao tema educação. Além de se observar como esses telejornais abordam este assunto, conforme uma análise baseada nos gêneros jornalísticos brasileiros.

Palavras-chave: comunicação; educação; telejornalismo; gêneros jornalísticos.

Em tempos em que a educação assume a centralidade nos debates, nos reclames da maioria da população brasileira ou pelo menos estampa o *slogan* oficial do país, com o lema: “Brasil, Pátria Educadora”, nada mais pertinente do que problematizar como anda a educação no Brasil? Especificamente, para o âmbito comunicacional, questiona-se como a mídia tem se apropriado da temática educação para trazer essa pauta em seus conteúdos? Nesse sentido, este artigo visa discutir e analisar a inter-relação entre as áreas de Comunicação e Educação, a partir da abordagem midiática realizada por telejornais goianos sobre o tema educação.

A iniciativa de correlacionar essas áreas partiu da premissa de que o telejornalismo, ao versar sobre a educação em seus conteúdos, pode configurar socialmente significados e sentidos à educação brasileira. Assim, a problemática deste trabalho consiste em analisar os significados e sentidos sobre educação produzidos socialmente pelos telejornais goianos; bem como averiguar como se dá a construção das mensagens telejornalísticas sobre a educação, com foco nos gêneros jornalísticos. Estes são compreendidos como operadores lógicos na construção e na produção de conteúdos pelos emissores. E também são

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás-UFG e jornalista no Instituto Federal de Goiás – IFG, email: mayarajordana@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Dra. na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG, email: anacarolina.temer@gmail.com.

orientadores para modos ou modelos de interpretação por parte dos receptores, ou seja, consistem em “estratégias de comunicabilidade” nas mediações realizadas pelos meios de comunicação, conforme os define Martín-Barbero (1997, p. 302).

Com isso, pretende-se observar as prováveis intencionalidades contidas nos conteúdos dos telejornais goianos, quando estes tratam sobre a educação. Tendo como objetos de análise o telejornal *Jornal Anhanguera - JA 1ª Edição*, pertencente à emissora TV Anhanguera, que é retransmissora da Rede Globo em Goiás, e também o *Jornal do Meio Dia*, noticiário da TV Serra Dourada, retransmissora do SBT no mesmo estado. Para tanto, como método e técnica de investigação, este trabalho fundamenta-se na análise de conteúdo, conforme uma abordagem qualitativa, a qual, de acordo com Bardin (2011, p. 27, grifos da autora), considera a “[...] a *presença* ou a *ausência* de uma característica de conteúdo ou de conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração.” Visa-se, assim, descobrir como esses telejornais narram o tema educação em seus conteúdos, conforme as modalidades de gêneros sistematizados dentre a taxionomia dos gêneros jornalísticos brasileiros.

Suspeita-se que, além da predominância dos hegemônicos gêneros informativo, opinativo e o interpretativo nos conteúdos jornalísticos no Brasil, outros gêneros dos enunciados jornalísticos reconhecidos na passagem para o século XXI (MARQUES DE MELO, 2013, p. 25), tais como o utilitário e o diversional, possam se despontar na contemporaneidade no telejornalismo, por exemplo, quando este pauta o tema educação. Isso porque estes dois gêneros têm o potencial de agregar determinados elementos à informação, tais como: a utilidade no conteúdo jornalístico; a prestação de serviço; a orientação para o consumo de bens materiais e de serviços privados e públicos; uma atuação enquanto guia de comportamentos; o conteúdo de interesse humano, o destaque ao emocional e ao entretenimento, respectivamente.

Não é de hoje que a imprensa brasileira atua também numa dimensão utilitarista em relação à educação. Pode-se lembrar das extensas listas de aprovados nos vestibulares que estampavam as páginas dos jornais impressos ou eram lidas nos programas de rádio. E que hoje já não são publicações tão mais vistas ou realizadas, seja porque a internet facilitou esse processo de acesso e divulgação dessas listas, o que, conseqüentemente, modificou a função desses tradicionais veículos midiáticos diante dessa tarefa; ou seja pela contínua extinção dos vestibulares nas universidades brasileiras, a partir de uma progressiva centralização dos exames oficiais de acesso ao ensino superior, o que torna ainda mais

obsoleto esse serviço de divulgação midiática das listas de aprovados nos diversos vestibulares no país.

Noutro ponto de vista, a perspectiva emocional e de interesse humano não deixou de permear também a abordagem sobre educação na mídia, que, uma vez ou outra, apresenta um caso de um indivíduo que conquista almeçadas posições sociais e profissionais por meio dos estudos, apesar das dificuldades pessoais e econômicas, dentre outros exemplos meritocráticos e diversionais que envolvem o universo educacional no Brasil.

Almeja-se, ao final, compreender mais sobre o quê e quando os telejornais falam sobre educação, bem como, por meio da análise dos gêneros jornalísticos, especialmente, a partir do utilitário e o diversional, o telejornalismo parece sinalizar por uma busca pelo estabelecimento de uma relação dialógica com a audiência, parece demonstrar uma tentativa de se estabelecer uma participação ou um “efeito de participação” com a audiência, segundo Siqueira e Vizeu (2014, p. 56, grifos dos autores). Participação que perpassa por alguns canais de diálogo mediatizados pelos telejornais, como e-mails, comentários, aplicativos ou mesmo por meio de conteúdos colaborativos advindos da audiência. Espaços esses que não deixam de ser também limitados pela mediação jornalística e pela tecnologia de comunicação vigente.

Televisão: uma mediação organizativa

De acordo com Baccega (2003, p. 12), o conceito de mediação é fundamental para se compreender a relação da audiência com a televisão. Para ela, a televisão é a grande mediadora entre nós e a realidade objetiva, principalmente, para o panorama brasileiro, em que, - apesar da atual relevância da internet e das redes sociais digitais, principalmente entre os mais jovens, - a TV ainda é uma mídia que mantém a preferência nos lares brasileiros, segundo corrobora recente estudo intitulado: *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014 – hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*, de iniciativa da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (BRASIL, 2014). Conforme esta pesquisa, a TV continua tendo predominância nos lares brasileiros, com 97% dos entrevistados que afirmaram ver TV.

A pesquisa revela ainda o recorde de públicos que assistem à televisão em Goiás, registrando uma média maior que a nacional, a saber, de 5 horas e 22 minutos, de segunda a sexta-feira, e que cai para 3 horas e 57 minutos, nos finais de semana, bem como 64% dos entrevistados goianos afirmaram assistir à televisão todos os dias. Números que corroboram

e justificam a necessidade de se empreender mais estudos sobre a preferência do consumo de televisão em Goiás e, especialmente, para se analisar os telejornais dentre uma gama de conteúdos televisivos que assumem a preferência no gosto midiático nacional.

É de acordo com este panorama que se ressalta a potencialidade dos meios de comunicação, especificamente, da televisão, em suas funções de realizar uma mediação social. Conceito esse originado por Martín-Barbero, que define a mediação como um espaço de múltiplas trocas entre emissores e receptores:

As mediações são entendidas aqui como esse “lugar” do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e da recepção: o que se produz na televisão não atende unicamente às necessidades do sistema industrial e as estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. Estamos afirmando que a televisão não funciona sem assumir - e ao assumir, legitimar - as demandas que vêm dos grupos receptores; mas, por sua vez, não pode legitimar essas demandas sem resignificá-las em função do discurso social hegemônico. (MARTÍN-BARBERO, 2012, não paginado, tradução nossa, grifo do autor).

Segundo esta perspectiva, os meios de comunicação passam a ser considerados também como produtores e circuladores de significados e sentidos socialmente, ou seja, necessitam serem vistos como outro campo de aprendizagens e também como mediadores culturais orientados para a divulgação de ideologias, segundo Baccega (2000). Para esta mesma autora, o que televisão faz trata-se de uma “mediação organizativa”, isto é, a primeira sistematização da lógica de mediação, aquela que parte do campo dos produtores dos conteúdos televisivos. Essa mediação compreende a primeira seleção, o filtro inicial que a mídia, especificamente, o jornalismo, “escolhe” entre os fatos sociais, culminando na pauta. Esta que antecede, ainda, o ponto de vista que a mídia concederá ao tema pautado, bem como é anterior à reinterpretação efetuada, posteriormente, pela audiência.

É aí que reside o primeiro filtro, a primeira mediação: a mediação que se dá no âmbito da produção, a mediação que manifesta o modo que se organiza essa produção, seja o programa de rádio ou televisão, seja notícia, seja a publicidade. Trata-se da mediação organizativa, que leva em consideração seu público receptor, procurando selecionar o que há de mais conveniente tanto aos interesses da empresa a que pertence aquela mídia quanto ao perfil médio do público [...] (BACCEGA, 2003, p. 26).

Assim, esta autora explica que a “mediação organizativa” é originada no polo dos enunciadores/enunciatários ou também dos chamados produtores ou do campo da emissão. Esta mediação antecede não só o modo de se tomar conhecimento da realidade por meio da mídia, mas, sobretudo, configura o quê chegará ao conhecimento dos receptores, pois estes

só poderão (re)interpretar aquilo que lhes foi oferecido enquanto informações, conteúdos e saberes fragmentados, editados e interpretados primeiramente na forma de relatos midiáticos. Os receptores, portanto, só poderão reinterpretar e ressignificar aquilo que chegou aos seus conhecimentos. E o que chegou ao conhecimento desses foi escolhido no âmbito da produção. Isso se não tiverem acesso a mais de uma fonte de informação.

Para este trabalho, que visa analisar a educação segundo a ótica da mídia, iniciar esta empreitada a partir do ponto de vista dos produtores, enunciadores/enunciatórios ou do polo da emissão é reconhecer a relevância desta sistematização inicial, é compreender essa primeira produção social de significados e sentidos que estes emissores atribuem a esta temática, para que seja usada e reinterpretada como informação pela audiência, concedendo modos de se tomar conhecimento sobre a educação. Podendo se constituir em informações abrangentes, levando, assim, a uma consequente formação dos públicos, a partir dessas mensagens. Ou não, sendo limitantes, trazendo o tema com uma abordagem mínima ou sem aprofundamento, com distorções, estereótipos ou enquadramentos enviesados.

Jornalismo e educação

As aproximações entre jornalismo e educação implicam em se levantar suspeitas sobre a possibilidade educativa na prática jornalística, conforme o modelo televisivo comercial operado no Brasil, que é baseado muito mais na ênfase informacional e no entretenimento do que numa função educativa. De acordo com Bahia (1971), a função principal do jornalismo é informar. Amaral (1982, p. 17, grifos do autor), por sua vez, defende que, além de informar, o jornalismo também possui outras quatro funções: *política, econômica, educativa e de entretenimento*.

Os cruzamentos entre jornalismo e educação não se limitam às especializações das práticas jornalísticas ao que seria o jornalismo educativo e nem se restringem à existência de emissoras, programas e reportagens educativos. Mas, enxerga-se que a contribuição do jornalismo para a educação - compreendida num âmbito maior que a escolarização e que engloba a formação de conhecimentos e de saberes do cotidiano - inicia-se na seleção de temas que esses meios noticiosos realizam, e, por consequência, pautam e agendam as discussões sociais, conferindo, aos fatos e assuntos, pontos de vistas para a interpretação feita pelos públicos, ou seja, modos de se obter conhecimento sobre/no mundo social, especialmente, pela televisão, como defende Fischer (2003, p.18).

Nesse sentido, ressalta-se o telejornalismo, dentre as modalidades da comunicação periodística na televisão, como um espaço relevante e que ainda possibilita o debate mediatizado de assuntos de interesse público, bem como prossegue num lugar simbólico de virtualização da opinião pública compartilhada na contemporaneidade, por meio do agendamento e da tematização de fatos, assuntos e eventos sociais.

Nos correlacionamentos entre Comunicação e Educação, vários são os caminhos possíveis de análise. O deste trabalho é apenas uma interface que pretende analisar o tema educação no telejornalismo em Goiás, a saber, nos telejornais vespertinos de emissoras televisivas concorrentes – *JA 1ª Edição* (TV Anhanguera/afiliada Rede Globo) e *Jornal do Meio Dia* (TV Serra Dourada/afiliada SBT). E, assim, descobrir e analisar os significados e sentidos produzidos sobre este tema nestes veículos.

Estes dois telejornais são exibidos durante a mesma faixa de programação da televisão local, de segunda a sábado, geralmente das 12 às 13 horas. Os telejornais deste horário de audiência são relevantes para a análise, pois a faixa de exibição que ocupam favorece atingir os públicos compostos, por exemplo, por donas de casa, estudantes que regressaram das aulas matutinas e até mesmo trabalhadores beneficiados com intervalo para o horário de almoço durante o expediente comercial nos dias úteis. Fatores esses que contribuem para a divulgação de assuntos mais relevantes e “leves”, como a educação, e que possam ser de interesse destes públicos-alvo.

O *Jornal Anhanguera Primeira Edição - JA 1ª Edição* possui uma duração média de 52 minutos e pertence à TV Anhanguera, que foi a segunda emissora de televisão aberta criada na história de implantação da TV em Goiás, em outubro de 1963. Esse telejornal, segundo seus editores, realiza o que nomeiam de “jornalismo comunitário”. Já o *Jornal do Meio Dia* é um noticiário pertencente à TV Serra Dourada, emissora goiana fundada em maio de 1989 e é a atual repetidora da programação do SBT em Goiás. Sobre ele, Andrade e Temer (2013, p. 40) definem: “Trata-se de um telejornal voltado para a comunidade, ele combina notícias e trabalho social [...]”. É um dos noticiários que disputa a liderança de audiência com outras emissoras televisivas goianas.

Sobre esta empreitada - a educação como pauta midiática -, há pesquisas já realizadas no âmbito dos jornais impressos brasileiros, mas, observou-se a ausência de referenciais bibliográficos que apresentem a cobertura do tema educação em telejornais brasileiros da mídia comercial – excetuando, as dissertações e teses encontradas e realizadas no âmbito dos canais e programas educativos.

Sobre este objetivo, alguns autores analisam as implicações quando a televisão tematiza a educação. Fischer (2003) exemplifica a maneira contraditória que a TV apresenta este assunto.

Assim é que, pressionada, a TV brasileira se manifesta a favor da educação, não se cansa de registrar problemas de falta de professores ou de baixos salários, mas simultaneamente oferece ao espectador repetidas cenas melodramáticas de mestras abnegadas que ensinam “por amor”; ou, numa contradição menos explícita mas talvez mais eficaz, ensina que de fato o sucesso individual e privado, a ascensão rápida à fama e aos altos salários (de uma modelo ou de um jogador de futebol) funciona bem mais do que a educação propriamente dita. (FISCHER, 2003, p. 21).

Gerzson (2007) corrobora este pensamento de Fischer (2003) e ressalta ainda, em sua tese, as contradições que incidem quando a mídia aborda o tema educação, especificamente, ao analisar as três principais maiores revistas semanais brasileiras: *Veja*, *IstoÉ* e *Época* – objetos de estudo de seu doutorado.

Essas mídias costumam narrar de forma contravertida a situação da educação. Em algumas situações, ela é concebida como responsável pelo processo civilizatório e pelo desenvolvimento da sociedade brasileira e, em outras, e [sic] educação e as instituições escolares são mencionadas em processos de degradação e falência. As matérias recorrentemente reprovam a educação, responsabilizando os professores pela baixa qualidade do ensino. A conjuntura educacional é criticada nas revistas por sua incapacidade de responder por problemas sociais e econômicos constituídos historicamente. (GERZSON, 2007, p. 44).

Portanto, o que se nota nesses exemplos é que as relações sobre a educação, segundo a ótica midiática, são essencialmente dialéticas. Ora, a educação é apresentada como potência e capaz de garantir a “soberania nacional” e pessoal daqueles que tiveram acesso ao ensino; Outrora, esta é censurada, condenada e taxada com “notas vermelhas”, como ressalta Gerzson (2007, p. 49). Ou, também, pode-se pensar que essas contradições integram o caráter histórico-antropológico da educação, como explica Pinto (1982, p. 34, grifo do autor): “A educação é por natureza contraditória, pois implica simultaneamente conservação (dos dados do saber adquirido) e criação, ou seja, crítica, negação e substituição do saber existente.”.

Educação nos telejornais goianos: análise de conteúdo

Para uma análise prévia, que visa ser aprofundada na dissertação de mestrado em andamento, principalmente, no aspecto de ampliação da amostragem trazida neste artigo, a primeira sistematização de matérias jornalísticas sobre educação em dois noticiários vespertinos e pertencentes a emissoras televisivas goianas concorrentes *Jornal*

Anhanguera– JA 1ª Edição (TV Anhanguera/Rede Globo) e *Jornal do Meio Dia* (TV Serra Dourada/SBT) elucidam alguns caminhos que podem levar a prováveis inferências. Principalmente, antes das inferências, esses dados auxiliam a se pensar e a definir a categorização, etapa fundamental na análise de conteúdo para os estudos em telejornalismo, conforme defende Temer (2014).

A escolha pelas duas primeiras semanas do mês de junho de 2015 para uma análise nos referidos telejornais - de segunda a sábado, isto é, os dias em que são exibidos esses noticiários - ocorreu aleatoriamente. E ambos os telejornais foram observados concomitantemente, com o objetivo de se ampliar a análise qualitativa sobre educação nos telejornais goianos veiculados no “horário de almoço”. Podendo, se os dados permitirem, resultar numa inevitável - porém, não almejada - comparação entre os telejornais.

De antemão, a seleção das matérias jornalísticas trouxe uma relevante constatação: a educação é, sim, abordada nesses dois telejornais, cotidianamente, e, às vezes, com até mais de uma matéria por edição de cada telejornal. Refutando, desse modo, as hipóteses mais negativas de que a educação não é apresentada pela mídia local. Durante os 12 dias de seleção de matérias sobre educação nesses telejornais, a análise demonstrou que o *JA 1ª Edição* apresentou 16 matérias sobre o tema educação, que foi abordado como assunto principal e secundário nas mensagens. Já o *Jornal do Meio Dia* abordou o mesmo assunto em 17 matérias durante o mesmo período de análise (inclusos como matérias: reportagem, entrevistas, notas, comentários e conteúdos colaborativos).

A escolha por considerar a abordagem secundária do assunto foi motivada graças à relevante frequência da educação tratada secundariamente a outros temas e também a conotação positiva que este assunto obteve ao ser associado a outras temáticas: no *JA 1ª Edição*, o tema apareceu como abordagem principal em 13 matérias e em 3 de modo secundário. No *Jornal do Meio Dia*, foram 9 matérias com abordagem principal e 8 secundárias.

Observou-se que nos dois telejornais predominou a abordagem sobre a educação formal concretizada na escolarização, com foco não só em Goiânia, mas, também, no universo educacional pertencente à região metropolitana da capital goiana, contemplando cidades vizinhas. Inferindo, assim, que esta imprensa goiana vislumbra este assunto praticamente restrito à educação formal, não contemplando outras vertentes, como a educação informal, que foi citada apenas numa reportagem da série “Esquecidos”

organizada pelo *JA 1ª Edição* ou mesmo outros tipos de educação, como a especial, que apareceu numa reportagem de cunho diversional/emocional no *Jornal do Meio Dia*.

Além disso, foi analisada também a dimensão da presença do tema educação nos conteúdos, que foi medida como alta (principal assunto tratado), média (o tema ocupa posição central, mas não é o único), mínima-média (maneira transversal) e mínima (tangencialmente). Parâmetros esses adaptados da pesquisa já existente *A Educação na Imprensa Brasileira* (ANDI; MEC, 2005), que analisou a educação em jornais impressos brasileiros no ano de 2004. Assim, quando a educação aparece numa dimensão alta e média predominam, nos dois telejornais, os temas como: greves de servidores da educação; questões institucionais, categoria essa que reúne casos, como carência de mais unidades escolares, falta de infraestrutura, de pessoal, ausência de merenda; acesso ao ensino superior, por meio de seleções nacionais – Enem, Sisu, Prouni; educação especial; professor cria armadilha contra dengue; acesso à educação infantil – creches, CMEIs, projetos de lei; Congresso da União Nacional dos Estudantes -UNE em Goiânia, etc.

Já numa dimensão mínima-média e mínima, foram notados os seguintes temas associados: drama pessoal e o acesso à educação formal; escola como garantia de dignidade para criança; falta de educação nas relações da cidade; redução da maioridade penal, tendo a educação como alternativa; inexistência de escola nos bairros; educação como solução para a violência – projeto bolsa-arma; saúde/educação - paralisação no hospital universitário; criminalidade nos espaços educacionais e/ou infrações/crimes de atores ligados ao universo educacional, etc.

A conotação positiva ou negativa do tema educação retratado também foi analisada nas matérias jornalísticas e revelou que predomina uma angulação negativa, quando se aborda a educação nesses telejornais, sendo, no *JA 1ª Edição*, 13 matérias de conotação negativa versus 3 positivas. E no *Jornal do Meio Dia* foram 10 matérias conotadas negativamente contra 7 de conotação positiva.

Observou-se que a educação é abordada negativamente quando este é o assunto principal das matérias, ou seja, quando sua dimensão é alta no conteúdo analisado. A educação é exaustivamente retratada no seu âmbito formal como uma ausência de um direito ou de uma garantia idealizada, um território problemático, cujo interesse jornalístico nem tanto permeia o valor factual do assunto, mas a atualidade e a noticiabilidade do tema circunscreve-se às falhas e às carências nesse direito de responsabilidade do poder público e na ineficiência de uma prestação de um serviço público educacional.

Quando a educação conquista o interesse factual jornalístico, por exemplo, nas constantes matérias sobre as greves de servidores da educação em Goiás, do município de Aparecida de Goiânia e também no âmbito federal, que apareceram na amostragem, o foco recai sobre os transtornos e prejuízos aos estudantes, aos pais de alunos e até a sociedade, devido ao fato desses movimentos grevistas interditarem rodovias e paralisarem serviços.

Nesses casos, observa-se que a imprensa se coloca ao lado desses trabalhadores da educação como atores de legítima reivindicação, mas, ao mesmo tempo, esse espaço midiático dado aos movimentos grevistas é conquistado mais pelos transtornos que ocasionam ao interditar uma rodovia ou ao ocupar a câmara municipal. Ou seja, a partir do momento em que essas lutas se transformam em eventos de grande repercussão e que tenham boas imagens capazes de “segurar” uma edição inteira de um telejornal, com chamadas em todos os blocos, como foi visto no *JA 1ª Edição* durante a amostragem. E, aí, esses telejornais atuam até na orientação aos telespectadores para evitarem esses locais de manifestações. E, percebe-se, nas falas, principalmente, dos âncoras, que, apesar de apoiarem esses servidores da educação, não deixam de tomar partido também da audiência, como nos trechos abaixo de comentários dos apresentadores do *Jornal do Meio Dia*.

As denúncias são duras, realmente merecem respeito os professores. A greve realmente já está durando um bom tempo. A comunidade, a sociedade vai ficar prejudicada e já está. Mas os professores têm os seus direitos, têm o direito de reclamarem e têm o direito, realmente, de negociar. É isso que a gente espera, que haja negociação.

E bom senso. Rapidez nesta negociação. Porque, como você disse, tem o direito de reivindicar, mas tem muita gente também viajando, caminhoneiros, que a gente vê ali, todos parados no congestionamento de mais de seis quilômetros. (JORNAL DO MEIO DIA, 2015, programa de TV).

Nota-se, portanto, uma relação extremamente contraditória diante da educação ao defendê-la e também ao condená-la. Outro ponto de vista observado que mostra esse conflito, já numa maneira indireta, é quando esses telejornais trazem matérias sobre estudantes que cometeram crimes, enfatizando exatamente a autoria de uma infração ou de um crime por parte de um estudante universitário, por exemplo, como foi observado nos dois telejornais. Indiretamente, esses conteúdos sinalizam a ineficiência da educação formal, um demérito à educação, a qual não foi capaz de formar individualmente um cidadão, não cumprindo, assim, o seu papel social.

Outro fator relevante observado é que a conotação positiva da educação aparece, principalmente, quando esta é abordada nas dimensões mínima-média e mínima, ou seja, quando ela é tratada tangencial ou transversalmente a outros temas associados, como: no

combate à marginalidade infanto-juvenil; dentre um drama pessoal em que o indivíduo é impedido de estudar ou retoma os estudos, apesar das dificuldades; nas discussões sobre a redução da maioridade penal; na educação fruto das ações da sociedade civil organizada; na educação como alternativa de investimento estadual; nas insistências de criação de creches e de escolas como elementos básicos nas infraestruturas de bairros e para a garantia da dignidade de cidadania.

Dentre um conjunto de categorias analisadas sobre a educação, observou-se que os níveis/modalidades de ensino (educação infantil, ensino fundamental, médio, superior) não são esclarecidos nas matérias e que predomina a divulgação do sistema público de ensino, com ínfima retratação da educação privada. Além disso, o sistema público posto em maior evidência foi o municipal nos dois telejornais. Também, notou-se que prevaleceu uma concepção pedagógica tradicional da educação, com foco no ensino, nos atores da educação formal (professores, técnicos e alunos) e nos espaços educacionais, mas, também, foram registradas, esporadicamente, outras concepções de educação ligadas à cidadania, à sustentabilidade, às relações na cidade, a educação informal e a educação inclusiva.

Numa análise segundo as perspectivas telejornalísticas, observar a educação nos telejornais revela muito também desse fazer jornalismo na TV. Observou-se a predominância do gênero informativo, visto, principalmente, nas constantes *suítes* (matérias de acompanhamento) das ações dos movimentos grevistas dos servidores da educação em Goiás nos dois telejornais. Essas ações motivaram muitas entradas e reportagens ao vivo, que demonstram a prioridade e o tratamento de relevância conferido às movimentações de trabalhadores da educação pela produção desses noticiários.

Também, foram notadas algumas matérias categorizadas conforme o gênero interpretativo, presente nas reportagens de maior duração. Nessas, houve a associação dos formatos reportagem pré-gravada e mais entrevista ao vivo com especialista ou autoridade, bem como a realização de grandes reportagens sobre os bairros da região metropolitana, numa série temática veiculada por uma semana no *JA 1ª Edição*. E houve muito pouco do gênero opinativo nos conteúdos, ficando sua constatação restrita à participação dos telespectadores, por emails, aos comentários dos âncoras e algumas colunas. Porém, a educação foi muito pouco apresentada, segundo o gênero opinativo nos telejornais estudados.

Na análise dos gêneros jornalísticos, também, registrou-se a crescente presença do gênero utilitário, com matérias que visam fazer uma denúncia e cobrar das autoridades a

oferta da educação pública. Nessas, a pauta não é motivada pela factualidade ou pela urgência do fato, mas, sim, pelo serviço que oferecem à audiência e ao cidadão. Um formato, que foi observado nos dois telejornais, de expor um problema ou uma mazela no âmbito educacional trazida pelo telespectador, divulgar o assunto, cobrar das autoridades. Na sequência, o telejornal apresenta uma resposta oficial por parte do poder público e que tenha prazo e, na data prometida pela autoridade, volta ao local para conferir se foi solucionada ou não a questão. Um formato que tem sido exaustivamente realizado nesses dois telejornais, e não só nas questões referentes à educação, mas nas de trânsito, saúde, asfalto, etc...

O gênero utilitário, também chamado de jornalismo de serviço, aparece nos assuntos educacionais em diversas situações, com tipos de serviços agregados, como: orientação/recomendação para o trânsito durante o bloqueio de professores grevistas na BR; passo a passo no site do telejornal de algo que foi mostrado na reportagem; mais informações sobre o Enem no site do telejornal; e mais recomendações/orientações. Informações que são direcionadas a determinados grupos, com a possibilidade de serem utilizadas nas ações desses. Assim, este gênero diferencia-se por atribuir utilidade à informação repassada, com objetivo de orientar, esclarecer ou contribuir com o receptor. Porém, o uso de serviços agregados é ainda pequeno nos dois telejornais, bem como a utilização de ilustrações, como box, gráficos e infográficos.

Assim, conforme defende Vaz (2013, p. 138-139, grifo da autora), o jornalismo de serviço precisa ser considerado como independente das classificações informativas, opinativas e também interpretativas já legitimadas na imprensa brasileira e que seu reconhecimento perpassa pela “conjuntura da intencionalidade do texto”, que se torna “imprescindível para a identificação do material jornalístico destinado à prestação de serviços por parte dos *media*.”. Temer (2014) também corrobora essa definição e explica:

O jornalismo utilitário, por sua vez, é marcado pela falta de urgência, podendo ser constituído de matérias mais elaboradas; sua marca é a prestação de serviço, trazendo informações que poupem tempo ou dinheiro para os receptores, ou ainda que tenham um caráter geral educativo em qualquer sentido. (TEMER, 2014, p. 45-46).

Outro gênero que também despontou na análise foi o diversional, com as matérias que enfatizam as personagens e/ou situações inusitadas de instituições educacionais, associando informação com emoção e/ou divertimento. Assis (2013, p. 144) explica que o gênero diversional proporciona certa dose de diversão com informação, distinguindo-se de outros gêneros por seus aspectos estruturais e pela intencionalidade. Quanto aos formatos, o

diversional pode ser categorizado em matéria de interesse humano, que “[...] oferece uma releitura de um acontecimento a partir de detalhes que possam suscitar a emoção do leitor [...]”. E a história colorida, que “[...] tem como tônica a descrição dos cenários onde os fatos ocorrem, suas cores e as sensações percebidas pelo repórter.” (ASSIS, 2013, p. 151).

Analisa-se, desse modo, que os gêneros e os formatos são cada vez menos estanques, porém, muito mais hibridizados. Por exemplo, houve caso de uma matéria no *JA 1ª Edição* que o objetivo era denunciar o descaso do poder público na entrega de um Centro de Educação Infantil – CMEI num bairro, mas, o repórter, num tom de divertimento, faz uma história colorida como pano de fundo na narração. Sendo de difícil delineamento os limites e os contornos onde começa e terminar a prestação de serviço e onde fica o diversional.

Também, constatou-se um crescente uso de conteúdos colaborativos, como vídeos, fotografias e a participação de telespectadores por email e pelo aplicativo de celular junto à produção do telejornal. Até mesmo, percebeu-se que algumas matérias circunscreveram-se à utilização de conteúdos colaborativos, dispensando os formatos originais da reportagem, notas ou entrevistas produzidas pela redação. Também, estratégias orientadas para uma convergência midiática foram percebidas nos dois telejornais. No *JA 1ª Edição*, há a possibilidade de uso do site do telejornal, com a possibilidade de se assistir às reportagens da edição do dia ou anteriores no momento em que o espectador desejar e mais a utilização deste site para serviços agregados, além de uma ênfase na participação mediada pelo aplicativo para celulares *smartphones* chamado “QVT – Quero Ver na TV”.

Já no *Jornal do Meio Dia*, o telespectador pode ver o noticiário em tempo real pela internet, a partir do site do telejornal, bem como pode assistir às reportagens das diversas edições que são postadas no canal do *Youtube* deste mesmo noticiário, além de ser incentivada a participação dos telespectadores pelo aplicativo de celular *WhatsApp*.

Considerações finais

A análise e as inferências trazidas aqui neste artigo são iniciais e integram parte de uma dissertação ainda em andamento. Afinal, para uma análise de conteúdo que busque estudar um único tema ou assunto, como a educação, especialmente, no telejornalismo, a amostragem deve ser temporalmente ampla, conforme ressalta Temer (2014, p. 41). Assim, o objetivo deste artigo foi realizar um pré-teste das categorias de análise e verificar alguns

caminhos para interpretação da educação, segundo a cobertura feita por dois telejornais goianos.

Observar a educação nos telejornais é um modo de apreendê-la, um estudo que mostra que este tema é sim tratado nos noticiários televisivos goianos. Talvez, não com o aprofundamento que poderia advir de um maior uso do gênero interpretativo na TV, cuja finalidade é a informação contextualizada e de uma intencionalidade mais educativa. Ou mesmo haver uma conotação mais positiva das mensagens, que não priorizasse somente os problemas e as mazelas da educação formal, mas que possa mostrar as contribuições da área, que explique as modalidades de ensino e até mesmo que possa abordar outras perspectivas da educação, como a informal, dentre outros aspectos mencionados anteriormente.

Também, analisar este tema nos telejornais, revela, em contrapartida, muito sobre o jornalismo de TV na contemporaneidade. A progressiva participação dos gêneros utilitário e diversional no telejornalismo, que são trabalhados nos diversos formatos e hibridizados na prática, mas, que ainda são poucos estudados na academia. Contornos que privilegiam a prestação de serviço, a emoção e o divertimento, configurando-se como modos de saber e conhecer a educação, por meio dos telejornais. Nota-se também o crescente uso de conteúdos colaborativos e de estratégias de convergência dos telejornais com outras mídias, que demonstram a transformação que permeia o telejornalismo brasileiro contemporâneo.

Referências

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA – ANDI; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **A educação na imprensa brasileira: responsabilidade e qualidade na informação**. Brasília, maio 2005. 178p.
- AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. 3. ed. Fortaleza, CE; Rio de Janeiro, RJ: UFC: Tempo Brasileiro, 1982.
- ANDRADE, Tatiana Carilly Oliveira; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **A arte de ensinar e praticar jornalismo de TV em Goiás**. Goiânia: Mundial Gráfica, 2013.
- ASSIS, Francisco de. Gênero diversional. In: MARQUES DE MELO, José; _____(Orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. Reimp. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013, p.23-41.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. A Construção do Campo Comunicação/Educação: alguns caminhos. **Revista USP**, São Paulo, n.48, p.18-31, (dezembro/fevereiro 2000-2001), 2000.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, Informação, Comunicação**. São Paulo: Martins, 1971.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4. ed. rev. e atual. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília, DF: Secom, 2014. 151p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: Fruir e Pensar a TV**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GERZSON, Vera Regina Serezer. **A mídia como dispositivo de governamentalidade neoliberal: os discursos nas revistas Veja, Época e Istoé**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2007.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros Jornalísticos: Conhecimento Brasileiro. In: _____; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. Reimp. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013, p.23-41.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La Telenovela en Colombia: Televisión, Melodrama y Vida Cotidiana**. 2012. Disponível em: < <http://www.dialogosfelafacs.net/wp-content/uploads/2012/01/17-revista-dialogos-la-telenovela-en-colombia.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronaldo Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educações de adultos**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

Professores em greve interditam BR 153. **Jornal do Meio Dia**, Goiânia: TV Serra Dourada, 2 de jun. 2015. Programa de TV. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=RomM9mLPIqk>> Acesso em: 29 jun. 2015.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de; VIZEU, Alfredo. Jornalismo em transformação: as escolhas dos formatos das notícias na TV. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 53-75.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da *melange* informativa. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 27 -52.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Gênero utilitário. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. Reimp. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013, p. 125-140.